

Morbach, o poeta do nankim!

Documento de referência:

LUXARDO, Líbero. Morbach, o poeta do nankim! *Terra Imatura*, Belém, ano 3, n. 13, dez. 1940 [p. 11-14].

Localização do documento de referência:

Acervo da Fundação Cultural do Pará (Belém/PA), Biblioteca Pública Arthur Vianna, Seção de Obras Raras.

Resumo:

Neste artigo – publicado originalmente na revista *Terra Imatura*, em 1940 – Líbero Luxardo (Sorocaba/SP, 1908 – Belém/PA, 1980) tece uma crônica sobre a cidade de Marabá e sobre o artista Augusto Morbach (Itaguatins/GO, 1911 – Belém/PA, 1981), acompanhada de três ilustrações que são possivelmente de autoria de Morbach. Luxardo compila, também, comentários de outros intelectuais a respeito do artista. O artigo é aqui acompanhado por Nota Explicativa de Gil Vieira Costa (ILLA/Unifesspa), responsável pela transcrição e adaptação ortográfica do texto original.

Palavras-chave:

Augusto Morbach. Líbero Luxardo. Marabá.

1) Cineasta e escritor, entre outras ocupações, radicado em Belém a partir de 1939. Realizou diversas obras, das quais podemos destacar o livro *Marabá* (1959) e o filme *Um dia qualquer* (1962), primeiro longa-metragem rodado no Pará (N.E.).

Marabá é uma cidade extraordinária. Feia? Bonita? – Não interessa. Isso não lhe alteraria a feição excepcional. Uma cidade não vale apenas pelo seu aspecto urbano, ou pela sua identificação com os que nela mourejam. Marabá é uma cidade acidental. Fruto de uma época, de um apogeu, porém, na sua formação, não se deu o fenômeno de desintegração, ou melhor, – emancipação do tipo que a povoou. A cidade reflete o espírito nômade dos seus criadores. Era pouso. Rancho de penetradores da selva. Ponto base de ligação com a artéria fluvial de escoamento. O homem arguto que a criava conhecia muito bem as condições desfavoráveis da sua situação. Não afundou o alicerce. Não ergueu cumieiras para resistir ao tempo, apenas criou o agasalho contra o sol e contra as chuvas. A natureza exúbere da região foi protelando a emigração. Retardando o fim e, a cidade, foi crescendo sem perder as suas características iniciais. O tempo foi melhorando o aspecto. Retocando, mas os velhos contornos continuam indelévels.

A cidade tem um ponto alto no seu povo. Pugilo de homens e mulheres de mil tons e de mil ideias. Gente sonhadora. Audaciosa e resoluta. Pródiga e estranha, correndo atrás da fortuna sem medir sacrifícios e, com a mesma obsessão do jogador que arrisca o último mil réis nos azares da roleta.

Durante algum tempo, convivi com o povo de Marabá, mescla de todas as raças, de todos os costumes. Gente aventureira, boa e má, e sempre otimista. Irmanei-me àquele povo. Fiz roda de *poker* e longas partidas de *snooker*. Aborreci-me jogando o gamão e ouvindo acaloradas acusações à incúria do governo, às riquezas daquela região. Fiz amigos. Tornei-me amigo de alguns e, gosto de Marabá, da

cidade, do povo, do clima; dos pratos saborosos de D. Delzuita e do quibe cru, com aperitivo, na casa do Tufi... Das noites boêmias no bar Teixeira; do café da Bebelá “sempre feitinho na hora” e dos longos bate-papos com o Josico, o Wilson, o dr. Abílio e, daquelas demoradas caminhadas ao lado de Morbach, ouvindo a sua história angustiada de artista insatisfeito...



Eu conheci Morbach numa noite de inúteis discussões. Terminámos o jantar. Benjamin apareceu no salão com o seu indefectível guarda-chuva. O chapéu de feltro claro sombreando os seus olhos escuros. Trazia as últimas notícias do rádio. Germanófilo, dava àquelas o seu sabor. Por esse tempo a heroica França, ainda lutava. Os ânimos se erguiam num desusado calor até que os choques apaixonados afugentavam os tímidos que se iam ao *snooker*, ao cinema, ou expor a cabeça escaldada, ao fresco da noite na praça defronte à Prefeitura. Morbach não falava. Nervoso, controlava o seu pensamento. Os olhos, pisca-que-pisca atrás das lentes de aumento, dirigiam-se irrequietos, de canto em canto, de um em um. Ria-se às vezes, e deixava-se ficar, na sua cadeira, fumando cigarro sobre cigarro. Ficamos sós. Não fomos apresentados. Conversamos sobre tantas coisas que me não ocorrem agora. Saímos. Demos larga volta pela Praça. Fomos ao *snooker*, jogamos e, eu perdi. Já era tarde. Rumamos ao Café da Bebelá, mudamos de conversa, depois, quase meia-noite, despedimo-nos.

Falámos tanto. Morbach, de tudo, menos da sua arte, da sua arte extraordinária... dos seus desenhos!



Figura 01: Ilustração do texto *Murbach, o poeta do nankim!*, possivelmente adaptada de obra à nanquim de Augusto Murbach. **Fonte:** *Terra Imatura*, Belém, ano 3, n. 13, dez. 1940 [p. 11].

No dia seguinte, um menino, trouxe-me um embrulho. Uma surpresa. – Abri. – Era o meu retrato. Desenho à bico-de-pena com tinta azul na entrecapa de um livro de conta corrente... Num papel de embrulho comum escrevera:

“É um esboço. Não sei se presta. Rasgue-o se não gostar. – Murbach”.

Assim eu me identificava com o artista extraordinário que é Augusto Murbach.

Murbach é um contemplativo. Um receptor de profunda sensibilidade e aguda penetração. Sua arte reflete grande tortura e um desejo quase divino que tem raízes, nos limites da própria perfeição. É estranha e profunda. Os seus traços, seguros, demonstram uma consciência definida, uma organização completa e clara, orientada num sentido novo sem ser revolucionário e, sobretudo, um poder de interpretação tão lúcido que mesmo alterando a cor das coisas, os seus contornos plasmados segundo a sua sensibilidade criadora, não se modifica em essência o sentido emocional da paisagem original.

Morbach é simples. Um temperamento bucólico. Calmo, lento no andar, pausado no falar, parece uma paisagem amazônica transformada em homem, porque sua alma é um vulcão. Seu temperamento é violento. Tem a mesma aparência plácida e amena da selva amazônica vista com olhares turísticos, porém, se nela penetramos, a variedade surpreende, avassala e enlouquece, tal o tumulto díspar que se agita no seu interior.

Sua vida é uma epopeia. Um correr incerto atrás da estabilidade para poder deixar à margem o prosaísmo da vida e dedicar-se todo a sua arte. É pobre. Do seu trabalho rústico na castanha deve vir o pão para o seu lar. E nem sempre os fados são propícios. Os anos bons servem apenas para tapar os buracos abertos pelos maus... Assim, vai vivendo...

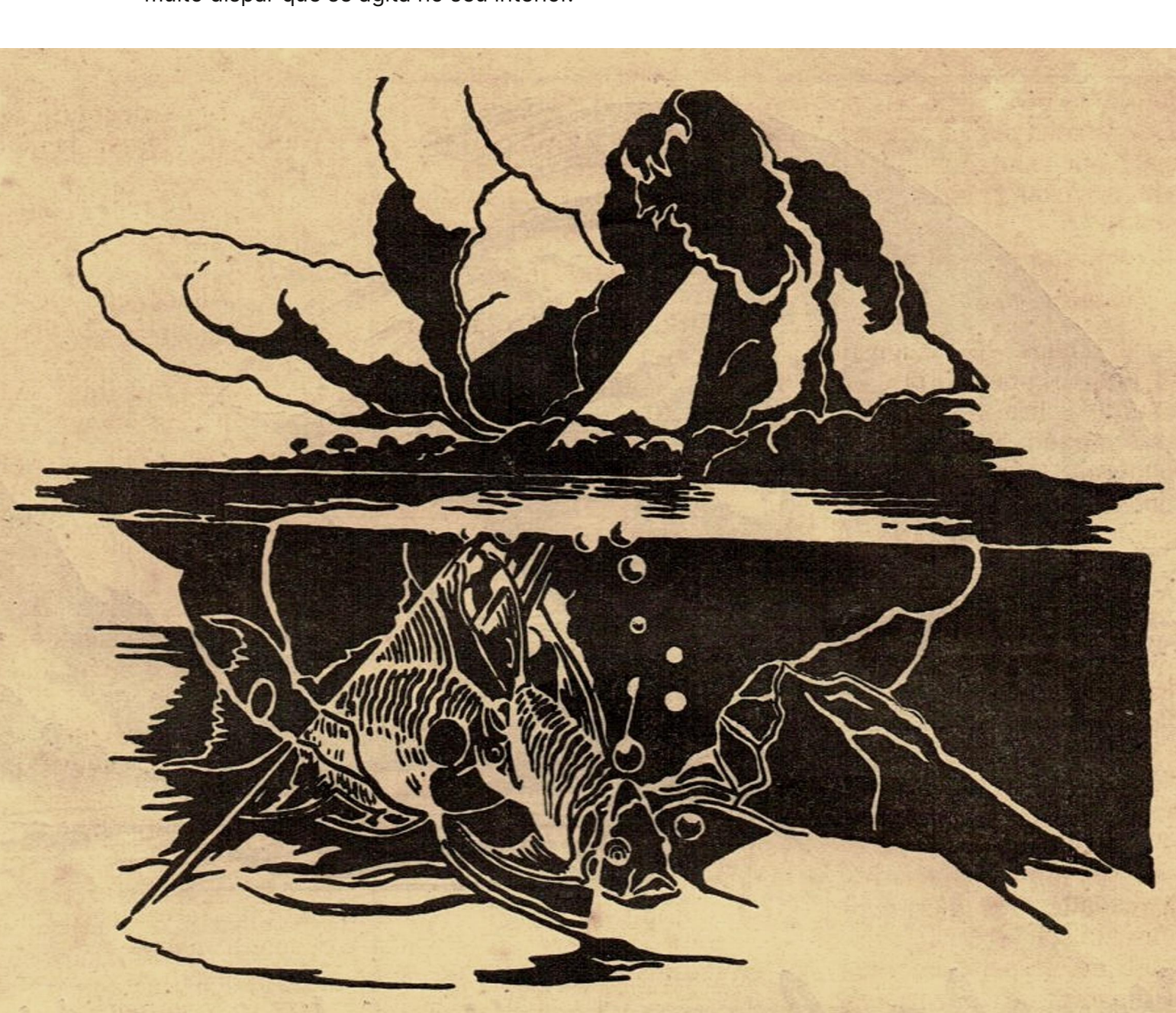


Figura 02: Ilustração do texto *Morbach, o poeta do nankim!*, possivelmente adaptada de obra à nanquim de Augusto Morbach. **Fonte:** *Terra Imatura*, Belém, ano 3, n. 13, dez. 1940 [p. 12].

O artista é feliz porque encontra na sua arte meios para esquecer as próprias aperturas. Assim faz Morbach, e às vezes... a selva é sua amiga. Ele a compreende tão bem!... As coisas vão mal? Não há remédio? – Então, embrenha-se na mata. Espingarda ao ombro e deixa-se ficar numa “espera” sondando uma onça, um tapir, ou uma paca... E o tempo passa... Nem sempre o artista dispõe de dinheiro para o papel, os pincéis, ou a tinta... Custam tão caros!

Foi o Dr. Abilio que boiou a ideia do Morbach ilustrar um poema que eu escrevi sobre o rio Tocantins. Feliz ideia, porque, foram esses desenhos que o tornaram conhecido em Belém. Morbach fez sucesso. Os intelectuais de Belém não regatearam encômios. Fizeram, aliás, a justiça que era de se esperar e, Morbach, que hoje procura a fortuna nos aluviões diamantinos do Tocantins entregue à rude garimpagem, por certo, agradecerá essas palavras que são tão brilhantes como os seus próprios diamantes... É o seu garimpo, a sua arte! Nela há de encontrar as pedras preciosas dos aplausos espontâneos como os dessa plêiade de valores novos, inconfundíveis, que vale por uma consagração.

Sobre a arte de Morbach:

Conheci na Bahia uns sujeitos muito bons e amigos com o teu nome – Conheci aqui, por intermédio do Luxardo os teus desenhos – Os Morbach da Bahia bebiam bem... e muito – Tu desenhas, – pintas é melhor – como ninguém o faz aqui! “Os homens” daqui viram os teus desenhos e estão “abafados”. Eu, de mim, digo pra ti – que preciso saber desenhar como tu para que esses pobres diabos da opinião de minha terra digam, com razão, que eu sou “o maior artista da Amazônia”!

Imagina!

Felicidades pra ti – Morbach.

Garibaldi Brasil

Vi os desenhos de Augusto Morbach para o poema de Líbero Luxardo sobre o *Tocantins*. Fiquei assombrado. Não vira até hoje, confesso, tão grande poder de interpretação em ilustrador algum como nesse desconhecido Morbach, aventureiro e artista, perdido nas regiões longínquas dos castanhais, onde Líbero o foi achar fugido do mundo e despreocupado da glória. Basta para fazer dele um dos maiores entre os nossos ilustradores “Os ventos da montanha”, “Nuvem de garças” e aquele admirável “Rebojo”.

E agora se torna impossível, tal a capacidade de interpretação do desenhista – e é isto principalmente que se pede ao ilustrador – separar do poema os nomes de Líbero Luxardo e Augusto Morbach. A criação poética de um e a criação plástica de outro completaram-se, fundiram-se numa só expressão de alto lirismo e de beleza pura.

F. Paulo Mendes



Figura 03: Ilustração do texto *Morbach, o poeta do nankim!*, possivelmente adaptada de obra à nanquim de Augusto Morbach. **Fonte:** *Terra Imatura*, Belém, ano 3, n. 13, dez. 1940 [p. 13].

Augusto Morbach, o artista extraordinário que conseguiu filmar no preto e branco toda a força, toda a *brutalidade* das águas e das selvas amazônicas. Seus desenhos se movimentam, se agitam, se animam à vista do espectador maravilhado. Pode-se dizer que o Vale que deslumbrou Euclides encontrou em Morbach o homem capaz de senti-lo e penetrá-lo. É ele o *maior ilustrador da Amazônia*, havendo em seus trabalhos um *frisson nouveau*, qualquer coisa que ainda não tínhamos visto e que é a “presença” de um artista formidável que não veio de fora, mas brotou da terra imensa e do rio profundo.

Machado Coelho

O Tocantins é um rio que desce do coração do Brasil por uma escada de rochas, cujos degraus são lastreados de ouro, de pérolas e diamantes.

As suas águas são verdes e belas como as de S. Lourenço, no Canadá.

A latitude que ele corta é toda uma região bárbara e opulenta.

Líbero Luxardo soube exprimir em seus versos esse panorama de lenda. E reserva-nos outro aspecto extraordinário: são as *ilustrações* de Augusto Morbach, de Marabá, destinadas ao poema.

Sente-se através dos desenhos desse autor escondido na floresta brasileira, como que agitar-se a paisagem do Tocantins sob uma força misteriosa e dominadora, que revela fulgores imprevistos: essa potestade é a arte total de Morbach.

R. de Souza Moura

Em arte a realização absoluta custará sempre a alma e o sangue do artista. “Ninguém pode criar senão morrendo!” – é a fórmula paradoxal do pensador.

Entretanto, realizar a arte pura, nos moldes clássicos, ou na manifestação instintiva, colocaria o artista no ângulo máximo da sua sensibilidade.

Morbach vê o seu mundo de arte de uma forma exótica e excêntrica. Os seus desenhos trazem o reflexo do mundo interior em que ele próprio se abisma.

Interpretando os motivos mais em contraste no poema de Líbero Luxardo, Morbach é o fixador genial do imaginário e do grandioso, na paisagem agressiva e imensa da Amazônia.

Bruno de Menezes

Em qualquer ângulo da terra a sua arte me daria sempre a visão absoluta do que sonhei e não pude exprimir em contato com a paisagem humana da Amazônia.

Nunes Pereira

Nos desenhos de Augusto Morbach que ilustram o poema de Líbero Lu-xardo, há de notável, sobretudo, uma ausência completa de influências. Por isso mesmo maior o seu valor, maior a expressão dentro da arte moderna.

Mário Couto

Augusto Morbach é o artista admirável! Com uma estranha intuição da beleza, sem guia e sem mestre, ignorado, perdido na maestria imensa, Morbach com as suas extraordinárias ilustrações realizou esse infinito poético que é a grandeza da arte sem cópia, sem limite. A nossa alegria ao vermos “Rebojo”, “Os ventos da montanha” e “Nuvem de garças” – nos deu essa compreensão de que o verdadeiro artista tem que fugir com todas as impressões do exterior para dentro de si, para poder criar essa exaltação que é a claridade, o grande caminho da beleza. Augusto Morbach vivendo nessa esplêndida natureza amazônica, sentiu como poucos, esse êxtase que vem da eterna realidade como um espaço vazio, para ser o maior sentido de sensibilidade criadora. Poeta! Assim, Morbach vai criando o seu mundo, sozinho diante da vida, com os olhos bem abertos, bem abertos...

Cléo Bernardo

O paulista Líbero Luxardo atuava como cineasta no Rio de Janeiro, nos anos 1930. Desembarcou em Belém contratado para filmar o I Congresso Médico Amazônico, realizado em agosto de 1939. Após os primeiros contatos com a região, recebe propostas de trabalho e resolve se radicar em Belém, cidade em que permanece até o fim da vida. Ainda em 1939 estabeleceu relações com intelectuais locais, como Bruno de Menezes, Jacques Flores, Osvaldo Vianna, Garibaldi Brasil e Cléo Bernardo (BANDEIRA, 1972)

Este último foi o criador da revista *Terra Imatura*, publicada de 1938 a 1942, reunindo em suas páginas intelectuais de diferentes gerações que orbitavam em torno de ideais modernos no campo da literatura e da cultura de modo geral (COELHO, 2005). É para a *Terra Imatura* que Líbero Luxardo escreve seu texto sobre Augusto Morbach, juntando ainda breves comentários do artista Garibaldi Brasil, do antropólogo Nunes Pereira e dos literatos Bruno de Menezes, Cléo Bernardo, Francisco Paulo Mendes, Inocêncio Machado Coelho, Mário Couto e Raimundo de Souza Moura (LUXARDO, 1940).

O conjunto de textos é significativo por mostrar um apanhado da recepção crítica da produção de Augusto Morbach em Belém, interpretada como uma obra de grande qualidade estética, simultaneamente “moderna” e “amazônica”. A essa recepção pode ser acrescentado, ainda, o comentário de Dalcídio Jurandir na revista carioca *Dom*

Casmurro, anterior ao texto de *Terra Imatura*, em que o escritor assinala que:

Agora mesmo o autor do filme “Aruanã”, Líbero Luxardo, descobriu em Marabá um desenhista fabuloso mesmo. Chama-se Morbach. Seus desenhos tem muita coisa de “terroir”, de bruto, de essencialmente amazônico. Aquele grande amigo que é Nunes Peireira (...) achou em Morbach aquilo que ele entendia como verdadeira interpretação da paisagem e da humanidade na Amazônia (JURANDIR, 1940).

Este texto seria, depois, bastante conhecido, por ter sido utilizado como prefácio de *Chove nos campos de Cachoeira*, primeiro livro publicado de Dalcídio Jurandir. Porém, é a data de sua publicação em *Dom Casmurro* (31 de agosto de 1940) que nos permite confirmar que Líbero Luxardo esteve em Marabá em 1940, informação que consta em textos biográficos mais recentes sobre Augusto Morbach (MÜLLER, 2016, p. 78). De Marabá, como Luxardo nos relata no texto aqui transcrito, ele trouxe para Belém obras de Augusto Morbach que ilustravam um poema seu sobre o rio Tocantins, cuja exposição obteve repercussão bastante positiva entre a intelectualidade local. A partir de então, Morbach se tornou um artista atuante com projeção em Belém, cidade em que viveu por diversas vezes.

A transcrição do texto *Morbach, o poeta do nankim!* importa por vários motivos. Primeiro, enquanto evidência histórica que nos

2) Crítico e historiador da arte. Realizou Mestrado em Artes (2011) e Doutorado em História (2019), ambos na Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém. Desde 2014 atua como professor na Faculdade de Artes Visuais (FAV) do Instituto de Linguística, Letras e Artes (ILLA) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), em Marabá. Seus interesses de pesquisa são as artes e culturas visuais na Amazônia nos séculos XX e XXI.

fornece informações biográficas sobre Luxardo e Morbach, ajudando a situar suas respectivas trajetórias. Depois, os comentários de Luxardo e de outros intelectuais a respeito da produção de Morbach nos oferecem um capítulo singular da crítica de arte em Belém, sendo talvez o texto inaugural sobre as artes visuais em Marabá. Por fim, também vale frisar a importância das três ilustrações que acompanham o texto, possivelmente realizadas a partir de obras de Augusto Morbach – quiçá as mesmas feitas a partir do poemado de Luxardo sobre o rio Tocantins. Essas ilustrações são um documento visual importante para compreendermos a arte de Augusto Morbach, pois nos permitem, até certo ponto, analisar as características estéticas de sua produção naquele momento, e compará-la com obras suas de anos posteriores, localizadas em coleções públicas ou privadas.

Líbero Luxardo e Augusto Morbach realizaram colaborações em pelo menos outros dois momentos após o ano de 1940. Primeiro, na publicação do livro *Marabá*, de Luxardo, em 1959, com capa ilustrada por Augusto Morbach. Neste romance, inclusive, Luxardo aproveitou partes significativas do texto de *Terra Imatura* aqui republicado. Depois, Morbach produziu dez obras usadas nos créditos iniciais do filme *Marajó, barreira do mar*, lançado em 1967, hoje disponível ao público³. A relação entre a narrativa de Luxardo e as ilustrações de Morbach foi analisada por Advaldo Castro Neto (2013, p. 96 em diante). Luxardo faria, ainda, o filme *Um diamante e cinco balas*, de 1968, ficção cuja narrativa se passa em garimpo no rio Tocantins, com filmagens em Marabá. O fato foi devidamente registrado na revista *Itatocan* (CONFISSÕES, 1968), de Antônio Bastos Morbach, que, talvez não por coincidência, era irmão de Augusto Morbach.

Referências:

BANDEIRA 3. Cinema e política no caminho de Luxardo. *A Província do Pará*, Belém, 5 e 6 mar. 1972, cad. 3, p. 4.

CASTRO NETO, Advaldo. *O cinema ficcional de Líbero Luxardo*. Dissertação de Mestrado em Artes, PPGARTES/UFPA, Belém, 2013.

COELHO, Marinilce. *O Grupo dos Novos (1946-1952): memórias literárias de Belém do Pará*. Belém: EDUFPA; UNAMAZ, 2005.

CONFISSÕES de cinegrafista. *Itatocan*, Marabá, fev./mar. 1968 [p. 21].

JURANDIR, Dalcídio. Tragédia e comédia de um escritor novo do Norte... *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 164, 31 ago. 1940, p. 3.

LUXARDO, Líbero. Morbach, o poeta do nankim! *Terra Imatura*, Belém, ano 3, n. 13, dez. 1940.

MÜLLER, Gileno. Augusto Morbach. *PZZ*, Belém, n. 25, jun. 2016, p. 74-78.

3) *Marajó, barreira do mar*, ficção, direção de Líbero Luxardo, Belém, 1967, 82 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XqaQcHJ_AEY> Acesso em 10 fev. 2022.